



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

## **O CHECKPOINT DE NGE LAY E A URGÊNCIA DE FALAR DE NOSSAS VULVAS**

### **NGE LAY'S CHECKPOINT AND THE URGENCY TO TALK ABOUT OUR VULVAS**

Maria Cristina Simões Viviani

**Resumo:** Partindo da obra “Checkpoint” da artista birmanesa Nge Lay, este artigo tem o objetivo de abordar discussões sobre a construção cultural da vulva através da arte. Com base em uma perspectiva feminista e decolonial, cito obras que trazem a vulva como elemento central, e fazem emergir discussões acerca de seu simbolismo na contemporaneidade. Assim, através de trabalhos de diferentes artistas, busco trazer as pautas que atravessam a estética padronizada da anatomia feminina e que de alguma forma questionam narrativas hegemônicas. Por fim, a pesquisa tem como objetivo de que através da compreensão das disputas acerca do corpo da mulher, e de um maior repertório de imagens e representações, se democratize o entendimento de beleza de forma mais diversa e representativa.

**Palavras-chave:** Vulva; Arte; Mianmar; Feminismo; Decolonialidade.

**Abstract:** Based on the work “Checkpoint” by Burmese artist Nge Lay, this article aims to discuss art’s cultural construction of the vulva. From a feminist and decolonial perspective, I bring attention to works that bring the vulva as a central element and stir discussions about its symbolism in contemporary times. Through the work of different artists, I seek guidelines that go against the standardized aesthetics of female anatomy and that, somehow, bring into question hegemonic narratives. Finally, the research has the objective of understanding the disputes about women's bodies, and how a greater repertoire of images and representation can deliver an understanding of beauty that may be democratized in a way that is more diverse and representative.

**Keywords:** Vulva; Art; Myanmar; Feminism; Decoloniality.

### **Introdução**

A vulva é historicamente foco de disputa de diferentes narrativas, sejam elas religiosas, médicas e/ou midiáticas. Aqui pretendo abordar algumas dessas disputas usando a arte como fio condutor da discussão analítica desse símbolo. A partir de uma perspectiva feminista e decolonial, traz-se diferentes obras e contextos que tratam da vulva e fazem emergir diversas discussões acerca de seu simbolismo na contemporaneidade. A arte aborda a temática feminina, principalmente, por meio de



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

artistas mulheres que ocupam cada vez mais espaços nessa área que antes eram predominantemente masculinos. Assim, é também por meio da arte que o corpo da mulher vem sendo ressignificado. Referida enquanto portal de nascimento do ser humano, fonte de prazer, ou local de silenciamento, a imagem da vulva no meio artístico perpassa por sua anatomia, sua estética, sua expressão da sexualidade feminina, entre outros, sendo objeto relevante de pesquisa e debate.

Em 2018, em uma viagem à Tailândia, me deparei com o trabalho da birmanesa Nge Lay no Centro de Arte e Cultura de Bangkok. A obra era composta por uma vulva de tecido de grandes dimensões pendurada em um dos salões do museu era exposta em conjunto com um fino colchão no chão e um vídeo. Sua obra fazia parte da Bienal de Arte de Bangkok e estava em exibição no segundo semestre daquele ano. A obra me despertou interesse não só por padrões estéticos, mas também, por provocar reflexões acerca de leituras feministas e decoloniais acadêmicas, e por gerar questões sobre ser mulher e suas intersecções em realidades e contextos tão distintos.

A artista nascida em Mianmar, país vizinho à Tailândia, traz em seu trabalho chamado “Checkpoint” (fig. 1) questões ligadas ao gênero. Bacharela em Arte e Cultura pela Universidade de Yangon, a artista teceu uma vulva feita com dimensão suficiente para ser atravessada por um adulto. Essa vulva, pendurada na vertical nos museus onde é exibida, é uma obra de interação em que o visitante pode perpassá-la, assim como uma porta. Não à toa, o nome “Checkpoint” remete a uma passagem obrigatória, em que o indivíduo deve se identificar. A artista usa a expressão em língua inglesa para se referir ao momento do parto, nas palavras da própria artista “todos nós passamos por esse portão para chegarmos aqui<sup>1</sup>”. Lay ainda acrescenta que gostaria que as pessoas passassem pelo seu trabalho como um portão, percebendo que é a partir daquele lugar, a vagina de uma mulher, onde se inicia a vida humana.

O trabalho de Nge Lay abre um importante debate sobre a condição de ser mulher na sociedade atual, especificamente em Mianmar. Apresentar uma vulva gigante como obra de arte em uma sociedade pautada na construção hierárquica dos



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

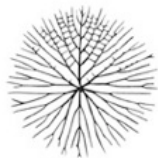
**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

gêneros, rompe com expectativas patriarcais e abre fissuras para recolocar a mulher e a relação com a sua sexualidade na sociedade. É usando o trabalho de Lay como ponto de partida que pretendo abordar obras que utilizam a vulva em sua simbologia para tratar de questões de gênero que afligem as mulheres.



Figura 1 - Instalação *Checkpoint* de Nge Lay, Bienal de Arte de Bangkok, 2018. Dimensões variadas. - Fonte: *Nge Lay's Checkpoint*, 2018.

Assim, por meio de trabalhos de diferentes artistas, busca-se trazer as pautas que atravessam a estética padronizada da anatomia feminina e que de alguma forma questionam narrativas hegemônicas. As obras aqui referenciadas foram encontradas em busca online, com exceção da obra de Nge Lay, que inicia a ideia da pesquisa, e da artista paraense Lise Lobato, a qual tive a oportunidade de ver seu trabalho pessoalmente. O restante dos artistas foi referenciado por artigos acadêmicos ou jornalísticos lidos durante a pesquisa para a base do texto. As principais palavras utilizadas nos sites de busca Google, Google Acadêmico e Scielo foram “artista”, “arte”, “vulva”, “vagina” e suas variáveis tanto em português quanto em espanhol e inglês. Com base nos resultados e nas obras citadas por outros autores, busca-se mais informações a respeito do artista e análises de curadores sobre o seu trabalho para interpretar se a obra poderia acrescentar a esta investigação. Nas obras



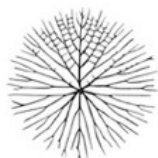
escolhidas para serem mencionadas nesta pesquisa, priorizou-se, a princípio, nas leituras curatoriais para em seguida traçar um paralelo com o conceito a ser relacionado para o aprofundamento e continuidade da reflexão do estudo, e assim, esclarecer o impacto da obra em seu contexto de origem.

O desenvolvimento do artigo está organizado por subtítulos que trazem o tema principal a ser tratado e os artistas escolhidos para subsidiar a discussão proposta. Com isso, espera-se que o leitor se situe na narrativa desenvolvida a fim de alcançar o propósito desta pesquisa. Em suma, esta análise tem como objetivo que, através da compreensão das disputas acerca do corpo da mulher, e de um maior repertório de imagens e representações, se democratize o entendimento de beleza de forma mais diversa e representativa.

### **A anatomia feminina na arte – Lise Lobato**

Apesar da especificidade do contexto de Nge Lay, o tema da anatomia genital feminina percorre a arte em diversos trabalhos de artistas ao redor do mundo. A artista paraense Lise Lobato expôs uma de suas obras no Espaço Cultural das Onze Janelas no eixo “Sagrado Feminino” da exposição “Dilemas 2019” em Belém do Pará. A obra escolhida pela curadoria de John Fletcher, pequenos objetos feitos de tecido, linha e acrílico foram fixados lado a lado.

O trabalho de Lobato remete-se a diferentes formatos de vulvas, a artista conta que sua intenção inicial não tinha referencial à anatomia feminina<sup>2</sup>. Na realidade, sua inspiração foram os sítios arqueológicos paraenses da Ilha do Marajó, local onde nasceu e reside. O trabalho se iniciou com a proposta de mostrar os buracos feitos por arqueólogos na terra na procura de artefatos de cerâmica indígenas. Lobato relata que durante o processo das mais de 60 peças, elas foram tomando formato de vulvas, e que o público quando se deparava com a instalação tinha essa interpretação. O título da exposição “O que tu guardas”, apesar de ser uma referência à terra indígena do Marajó, também deixava aberta a possibilidade de leitura da intimidade feminina como compreensão, sendo inclusive mais frequente do que a ideia originária proposta. Para a autora tudo está relacionado: a vulva e a mãe



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

terra, ambas como geradoras de vida. Ela ainda acrescenta: “uma obra é sempre uma obra aberta, você aceita a forma de como as pessoas as veem”.



Figura 2 - Instalação de Lise Lobato. Foto da Bienal de Mato Grosso, 2004. - Fonte: Lise Lobato, [s.d.].

A partir da interpretação dada por uma perspectiva feminista, o trabalho de Lobato torna-se uma narrativa relevante à naturalização da vulva em diversas formas. Com a pressão estética cada vez mais forte sobre as mulheres, é exigido de seus corpos um padrão cada vez mais restrito e específico. Nesse sentido Creighton e Liao (2019) afirmam que poucas pessoas podem escapar da pressão das normas da aparência, entretanto as pesquisas recentes mostram consistentemente que a maioria das mulheres está insatisfeita ou estressada pelos aspectos de sua aparência física, de forma que, na sociedade contemporânea, a insatisfação com o corpo tem caminhado junto com o fato de ser mulher.

Nascimento, Próchno e Silva (2012) observam que, de forma contraditória, quanto mais parece que há avanços na autonomia individual das mulheres, mais há exigência aos modelos sociais de corpo. Paralelamente ao desenvolvimento dos movimentos feministas, caminha a intensificação de pressões sociais de normas corporais. Se por um lado havia os ganhos no sentido da liberação do corpo





feminino, para seu exercício pleno de sua sexualidade e de sua ocupação em setores da esfera pública, por outro a mídia já se impunha na delimitação de ações e práticas femininas, principalmente, quando o assunto é estético. Goldenberg (2005) defende que vivemos em um “equilíbrio de antagonismos”, um dos momentos de maior independência e liberdade femininas é também aquele em que há um alto grau de controle em relação ao corpo e à aparência se impõe à mulher brasileira.

Com a pressão estética do mercado de consumo, as partes do corpo feminino foram sendo padronizadas, desnaturalizando corpos que não se encaixavam nas normas dos comerciais circulados pela grande mídia. Essa imposição chegou também à genitália da mulher, colocando imposições sobre o formato de sua vulva. Houve uma desnaturalização das formas que não correspondiam ao colocado pela mídia para consumo, induzindo a um descontentamento das mulheres com sua realidade. Assim, há uma necessidade culturalmente fabricada para a cirurgia plástica, produzida como justificativa de um consumo de corpos feita por um sistema de regulação da feminilidade e do que significa ser mulher. O gasto emocional, psíquico e econômico exigido pela indústria de beleza sobre as mulheres não terá fim até que as mulheres se reeduquem sobre sua própria anatomia.

### **As cirurgias plásticas íntimas e a padronização dos corpos – Hannah Wilke**

No Brasil, a indústria de cirurgias plásticas é famosa mundialmente pela constante procura de novas pacientes. As cirurgias plásticas íntimas, especificamente, têm se tornado moda recentemente entre as brasileiras. A esse respeito, Vieira-Baptista, Lima-Silva e Beires (2015) questionam o alto número de cirurgias íntimas que vem sendo realizadas. Os autores apontam o modelo da “perfeição genital” feminina da contemporaneidade longe do *L’Origine du Monde* (Fig.6) de Gustave Courbet, ficando dessa forma, mais próxima de uma genitália pré-púbere. Descrevem que a vulva desejada possui “pouco ou nenhum pelo, pequenos lábios recobertos pelos grandes, preferencialmente com simetria perfeita” (Vieira-Baptista, Lima-Silva e Beires, 2015, p.393). Para os autores essa idealização da vulva perfeita é fruto de uma exposição a imagens constantemente manipuladas, e criticam a escolha pela



intervenção cirúrgica de algumas mulheres e da aprovação de alguns cirurgiões, como uma forma de tentar corrigir a natureza.



Figura 3 - *L'Origine du Monde* de Gustave Courbet, 1866. Óleo sobre tela. 46 x 55cm. -  
Fonte: Gustave Courbet – *The Origin of the World*, [s.d.].

Em um estudo desenvolvido por Silva, Paiva e Costa (2017), se observou uma maior frequência de discursos favoráveis ao “embelezamento íntimo”, associados mais aos argumentos sobre “autoestima” e saúde da mulher e menos à vaidade. Segundo esses discursos, haveria uma relação direta entre saúde da mulher e embelezamento da região íntima e aparência da genitália. Todavia, para o médico cirurgião português Vieira-Baptista (2014), os médicos especialistas nesse tipo de procedimento, fazem afirmações sem qualquer suporte científico e garantem resultados improváveis. O autor, também, acredita que em grande quantidade dos casos, primeiramente, cria-se a necessidade, inventa-se a doença ou defeito, e depois se promove a cura, explorando fraquezas individuais e prometendo melhoras incertas na autoestima, na função sexual, ou na vida matrimonial, por exemplo.

Grande parte das intervenções propostas estão desaconselhadas por falta de motivos médicos para a sua realização e ausência de estudos em termos de eficácia e segurança. Não há consenso em termos da linguagem usada para denominar as diferentes intervenções. Intervém-se sobre o «ponto G», mesmo que a ciência não tenha provado a sua existência! (VIEIRA-BAPTISTA, 2014, p. 223).

Schimitt (2014), relata a conformação de um padrão estético de genitália feminina por meio de cirurgias plásticas, demonstra a partir da revisão de artigos médicos



sobre a hipertrofia dos lábios menores da vulva, de que não há referência de problemas de ordem fisiológica. Os autores também comentam da existência de um enorme espectro de variação de tamanhos, cores e formas das genitálias, ainda assim, Schimitt nota que há forte tendência à estigmatização de genitálias assimétricas, volumosas e de coloração mais escura (SCHIMITT, 2014).

Corroborando com o trabalho de Schimitt (2014), Andrikopoulou et al. (2013) encontraram uma escassez de informações sobre qual seria a anatomia “correta” da vulva. A autora consultou 59 livros entre anatomia e ginecologia especializada, e ainda assim concluiu não haver dados suficientes para definir os tamanhos anatômicos da genitália feminina ideal. Sobre esse aspecto Andrikopoulou argumenta:

Quando uma mulher saudável expressa preocupações sobre sua vulva, a resposta do médico deve ser informada pelo conhecimento clínico. As informações da morfologia vulvar são escassas e imprecisas nos livros médicos. A falta geral de recursos profissionais significa que os médicos podem, consciente ou inconscientemente, confiar em experiências pessoais e na cultura popular para formar suas opiniões, assim como seus pacientes. (ANDRIKOPOULOU et al., 2013, p. 648, tradução minha).

Em contraste às poucas referências científicas da anatomia feminina, há uma enorme quantidade de imagens que proliferam nas mídias de massa compondo os padrões ideais de mulheres esperados e almejados. Porém, é improvável que essas imagens, que podem ter sido alteradas digitalmente, sejam representativas do que é típico para as mulheres e seus corpos. Mesmo assim, elas podem exercer influência poderosa na autoimagem de uma mulher (Andrikopoulou et al., 2013).

A referência de obras de artistas mulheres que trabalham com temáticas feministas apresentam uma contraproposta às imagens padronizadas em grande circulação. A artista estadunidense Hanna Wilke dedicou grande parte da sua obra a questões do feminismo, sexualidade e feminilidade. Por meio de uma repetição de esculturas em variados tamanhos, cores e formas, Wilke invoca, no observador o imaginário da vulva em sua diversidade. Ela foi uma das primeiras artistas a usar imagens vaginais em obras artísticas objetivando envolver diretamente questões feministas. Durante o final da década de 1950 até o início da década de 1970, Wilke trabalhou na criação





de um tipo de iconografia feminina baseada no corpo, construindo formas abstratas e orgânicas que se assemelhavam à genitália feminina (GUGGENHEIM MUSEUM, s.d.). Alguns exemplares desestabilizam a forma da vulva a tal ponto que eles funcionam em um nível puramente figurativo. A artista exibia essas formas no chão ou na parede de uma maneira altamente organizada e repetitiva que remetia ao minimalismo (WILLIAMS, 2019).

Abstratas e inconfundivelmente yônicas, as esculturas de Wilke não são ilustrações literais da vulva, mas evocações de abertura e vulnerabilidade, profundezas ocultas e intimidade. Trabalhando desde a década de 1960 até sua morte em 1993, Wilke buscou uma linguagem visual que pudesse falar sobre o que significa ser uma artista feminina – viver, amar, sofrer e desejar dentro do corpo de uma mulher (MARCINIAK, 2018, online, tradução minha).



Figura 4 – Esculturas produzidas por Hannah Wilke entre 1960 e 1980. Materiais e dimensões variadas. - Fonte: *The Art Of Hannah Wilke*, [s.d.].



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

Como pode-se observar na imagem acima, Wilke democratiza a percepção e a imagem da vulva, trabalhando com a subjetividade. De maneira não anatômica, a artista nos remete à anatomia diversa dos corpos. Obras como a de Wilke ajudam a desmitificar o modelo de vulva ideal, aumentando o espectro do imaginário social sobre o que pode ser considerado normalidade biológica e também o que deve ser visto como a beleza única de cada corpo. Na contramão desse discurso, Schmitt (2014) demonstra como há uma confluência entre padrões estéticos e padrões diagnósticos, havendo uma patologização das hipertrofias genitais, ou seja, variações anatômicas regulares em que haveria um tratamento recomendado através da cirurgia plástica.

Imagens de “antes e depois” ilustram nitidamente um padrão bastante marcado que fica evidente através da uniformização estética das genitálias que sofreram tais procedimentos. Nelas podemos observar uma homogeneidade estética e uma profunda diminuição do volume aparente que nos leva a crer que, a despeito do que alguns médicos afirmam, há sim um padrão estético almejado tanto por cirurgiões, quanto pelas pacientes. (SCHIMITT, 2014, p. 53).

A autora reitera que a história da medicalização da mulher está permeada por moralidades sexistas, em que a ninfomania e a histeria, por exemplo, eram diagnosticadas a partir de preceitos machistas sobre o comportamento da mulher. E que muitas vezes o tratamento consistia em “atacar” diretamente a vulva da mulher e o sistema reprodutor como diagnóstico. Schmitt (2014) conclui “tudo que ali não estivesse a serviço da reprodução caracterizaria anormalidade e patologia” (SCHIMITT, 2014, p. 26). A partir dessas convenções, práticas como a cliteridectomias<sup>3</sup> e ovariectomias<sup>4</sup> foram institucionalizadas. Assim, doenças sem comprovação fisiológica foram diagnosticadas inúmeras vezes nos corpos das mulheres, e, paulatinamente, a falta de beleza, vista anteriormente apenas como defeito, foi também sendo tratada como patologia (SCHIMITT, 2014).

Creighton e Liao (2019) questionam como é possível que existam procedimentos assegurados pela lei para alterar a estrutura e a aparência da genitália feminina, sem a prerrogativa de uma preocupação médica. As autoras argumentam: “sabemos que não houve um surto de crescimento labial em todo o mundo” (CREIGHTON e



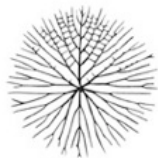
LIAO, 2019, p. 4, tradução minha). A provocação feita por meio da constatação óbvia – de que a anatomia feminina não se transformou radicalmente nas últimas décadas a ponto de justificar o aumento dos procedimentos estéticos íntimos – serve para compreender a ausência de pretexto biológico para tais práticas. Desta forma, a invenção e o aumento da procura por cirurgias íntimas estéticas, apenas se fundamentam pela maneira como se percebe e se lida com a anatomia feminina imposta por padrões culturais, estéticos, sociais e históricos.

### **Valorização feminista e arte contemporânea – Zoe Leonard**

A historiadora Tvardovskas (2015) defende as práticas feministas da arte contemporânea como forma de autotransformação, desconstrução de modelos políticos autoritários e de representações misóginas sobre os corpos femininos. A autora acredita que por meio dessas práticas seja possível ampliar o olhar para as resistências micropolíticas, no plano das subjetividades que aspiram também uma transformação cultural, social e política mais copiosa.

São muitas as artistas hoje ao redor do mundo que se utilizam de diferentes mídias, das artes visuais, do teatro, da música, do cinema ou da literatura para discutir a constituição de subjetividades femininas, renovando o imaginário social e desconstruindo estereótipos e crenças culturais sobre as mulheres. A arte se compõe, assim, como um dos lugares do social em que são geradas múltiplas resistências e onde se tensionam complexamente os enunciados normativos. (TVARDOVSKAS, 2015, p. 3).

A artista estadunidense Zoe Leonard questiona a normatividade masculina e branca de pintores dentro dos museus com o trabalho exposto na Documenta IX<sup>5</sup>. Utilizando da própria coleção do museu, Leonard alternou pinturas alemãs do século XVIII com fotografias preto e branco de vulvas. A artista optou por retirar os retratos masculinos, as pinturas históricas e as paisagens da galeria, deixando apenas as telas em que haviam mulheres retratadas. As 19 obras removidas foram substituídas pelas fotografias da genitália de amigas. As imagens faziam referência à obra *L'Origine du Monde* (Fig.6) de Gustave Courbet, com o diferencial de que a mulher retratada não estava passiva como no quadro do pintor francês, contrapunham a representação artística, por meio da mão na virilha, evidenciando o desejo sexual feminino, fazendo referência à masturbação. Com isso, Leonard critica o monopólio



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

do “olhar masculino” da pintura clássica, no qual coloca o sexo e o poder reprodutivo das mulheres em uma narrativa tradicional, contida e burguesa. A artista, então, transforma o significado da coleção existente: o que antes vangloriava o estilo de vida burguês tradicional, passa a exaltar o prazer feminino renegado na época (SMITH, 1992).

Sua instalação de fotografias em preto e branco de vulva para a Documenta IX (1992), em sete salas de pintura da Neue Galerie em Kassel, deu um golpe no museu como o “naturalizamos”: patriarcal, branco, heterossexual e, portanto, tendencioso em seu universalismo. (DURAND, 2017, online, tradução minha).



Figura 5 - Zoe Leonard, Sem título (Gravuras da instalação Documenta IX), 1992. Coleção Flamengo Community. Instalação na Neue Galerie, Documenta IX, Kassel, composta por 19 fotografias em preto e branco afixadas nas paredes das galerias. Fotografia por: Dirk Pauwels. Cortesia de S.M.A.K., Stedelijk Museum voor Actuele Kunst, Gent. - Fonte: DURAND, 2017.

Embora as imagens produzidas por Leonard funcionassem também como potenciais de desejo masculino direto, ela as apresentava como exemplos de vezes que mulheres sentiram prazer pelas próprias mãos. A artista declaradamente lésbica fala sobre uma das intenções com o trabalho: “Eu não estava interessada em reexaminar o olhar masculino; eu queria entender o meu próprio olhar” (LEONARD apud CHAVE, 2010, p. 25). Tvardovskas (2015) argumenta que por meio da experiência feminina são confrontados os enunciados binários e as práticas sexuais falocêntricas, sendo pensadas novas configurações dos prazeres e uma multiplicidade de práticas e saberes produzidos pelos corpos.

Além de rejeitar os binarismos, as feministas politizaram o corpo, denunciando como o poder patriarcal trabalhava por meio de normas





culturais sobre o feminino. Em outras palavras, suas reflexões mostraram que o poder afeta diretamente os corpos, convergindo para uma compreensão de que as questões da subjetividade são inseparáveis das questões do corpo. (TVARDOVSKAS, 2015, p. 14).

Tvardovskas (2015) acredita ser cada vez mais urgente um conhecimento situado que deixe de lado os pseudo-universalismos. É importante para a arte, e para o mundo, que as propostas sejam múltiplas e fragmentadas, que sejam abrangentes na diversidade de experiências culturais e históricas para além do sujeito masculino, branco e ocidental. Construindo, assim, um novo imaginário social e cultural das realidades que ainda não foram contadas ou expostas.

### **Considerações Finais**

O patriarcado agiu e ainda age de diferentes formas ao redor do mundo, porém o incômodo causado pela exposição da genitália feminina parece possível de ser identificada em diversas realidades e contextos históricos. A vulva é invisibilizada frequentemente em condições em que a autonomia e a sexualidade da mulher é reprimida e controlada socialmente. Obras clamando por visibilidade como a de Nge Lay e as demais citadas neste trabalho, demonstram o apagamento histórico da fisiologia feminina, ainda presentes no cotidiano das mulheres em diversos locais do mundo.

A vulva desperta discussões e polêmicas em torno da anatomia feminina, entre representatividades e silenciamentos, a bandeira feminista pela naturalização dos corpos das mulheres na ciência, na arte e na sociedade como um todo, segue sendo levantada. Porém, há um longo caminho a ser percorrido no que tange a autonomia das mulheres sobre a própria vulva e quanto ter uma vulva tira a sua autonomia.

O recorte feito dos artistas abordados no presente artigo demonstra como há a necessidade de mais pesquisas que deem visibilidade para um maior número de trabalhos fora do eixo da América do Norte e Europa. Infelizmente, artistas latino-americanos, africanos e orientais ficam frequentemente em menor evidência na arte contemporânea. Com isso, mesmo com o objetivo da pesquisa de trazer um maior número de artistas destas regiões, há uma dificuldade de acessá-los. As duas artistas fora desse eixo (Nge Lay e Lise Lobato), e que tiveram maior destaque





durante a pesquisa, foram casos em que tive oportunidade de ver seus trabalhos *in loco*. Apesar de terem sido o ponto inicial do interesse pelo estudo, os demais casos aqui expostos foram encontrados durante a pesquisa online sobre o tema. Foram acessados também outras obras abrangendo a sexualidade da mulher de artistas de diferentes localidades do mundo, porém, com o recorte bem delimitado sobre a abordagem da vulva em si, optei por não fazerem parte deste estudo especificamente.

Ainda assim, é trazendo as pautas, seja através de pesquisas, seja através da arte, que se torna possível transformar realidade das mulheres que se sentem constrangidas pelos seus corpos, por conta de não estarem dentro de um padrão estético construído para excluir. Opressões ligadas ao corpo das mulheres perdem espaço conforme manifestações feministas, artísticas ou não, se espalham e ganham território político. Dessa maneira, se busca vislumbrar um futuro em que corpos femininos possam ser vistos enquanto corpos potentes e dignos de liberdade e afeto, independente de seus marcadores sociais.

## **Notas**

---

1 Todas as citações de Nge Lay foram retiradas de entrevistas dadas para canais de arte e cultura internacionais. A tradução é livre da autora.

2 Entrevista online cedida em maio de 2020.

3 Procedimento de remoção do prepúcio do clítoris.

4 Extração cirúrgica do ovário, ou de cistos do ovário.

5 A Documenta é uma exposição de arte contemporânea que ocorre a cada cinco anos em Kassel, Alemanha.

## **Referências**

ANDRIKOPOULOU, Maria; MICHALA, Lina; CREIGHTON, Sarah M., LIAO Lih-Mei. The normal vulva in medical textbooks. **Journal of Obstetrics and Gynaecology**. Out, 2013

CHAVE, Anna C. "Is this good for Vulva?" – Female Genitalia in Contemporary Art. **The Visible Vagina**. Francis M. Naumann Fine Art, LLC. David Nolan Gallery, Inc. Nova York, janeiro de 2010.

CREIGHTON, Sarah M., LIAO Lih-Mei. **Female Genital Cosmetic Surgery: Solution to What Problem?** Cambridge United Kingdom; New York, NY: Cambridge University Press, 2019



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

DURAND, Jean-Marie, “Ce que le sida m’a fait” d’Elisabeth Lebovici: l’art au temps du VIH. **Les Inrockuptibles**, 2017. Disponível em:

<<https://www.lesinrocks.com/2017/08/29/arts/arts/ce-que-le-sida-ma-fait-delisabeth-lebovici-lart-au-temps-du-vih/>>. Acesso em: 28 de maio de 2020.

GOLDENBERG, Mirian. Gênero e corpo na cultura brasileira. **Psicologia Clínica**, Rio De Janeiro, Vol.17, N. 2, P. 65 – 80, 2005.

GUGGENHEIM. **Collection Online: Hannah Wilke**. [s.d.] Disponível em:

<<https://www.guggenheim.org/artwork/artist/hannah-wilke>>. Acesso em: 29 de maio de 2020.

GUSTAVE COURBET – THE ORIGIN OF THE WORLD. **Musée d’Orsay**. [s.d.] Disponível em: <[https://www.musee-orsay.fr/en/collections/works-in-focus/search/commentaire/commentaire\\_id/the-origin-of-the-world-3122.html?no\\_cache=1](https://www.musee-orsay.fr/en/collections/works-in-focus/search/commentaire/commentaire_id/the-origin-of-the-world-3122.html?no_cache=1)>

LISE LOBATO. **Cultura Pará**. [s.d.]. Disponível em:

<<http://www.culturapara.art.br/artesplasticas/liselobato/index.htm>>. Acesso em: 15 de maio de 2020,

MARCINIAK, Caroline. Hannah Wilke: What It Means to Be a Woman Artist. **Frieze**. Out., 2018. Disponível em: <<https://frieze.com/article/hannah-wilke-what-it-means-be-woman-artist>>. Acessado em: 29 de maio de 2020.

NASCIMENTO, Christiane Moura; PRÓCHNO, Caio César Souza Camargo; SILVA, Luiz Carlos Avelino da. O corpo da mulher contemporânea em revista. **Fractal: Revista de Psicologia**. Vol.24, N.2. Rio de Janeiro. Mai/Ago, 2012.

NGE LAY AND PANNAPHAN YODMANEE AT BANGKOK ART BIENNALE. **Yavuz Gallery**, 2018. Disponível em: <<https://yavuzgallery.com/aquilizan-nge-lay-and-pannaphan-yodmanee-at-thai-biennales/>>. Acesso em: 7 de julho de 2019.

NGE LAY’S CHECKPOINT. **Yamin**, 2018. Disponível em:

<<https://www.yaminburma.com/blog/2019/4/12/nge-lays-the-checkpoint>>. Acesso em: 7 de julho de 2019.

SCHIMITT, Marcelle. **Sinus Pudoris – Conformação de um padrão estético de genitália feminina através de cirurgias plásticas**. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Antropologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

SILVA, Marcelle Jacinto da; PAIVA, Antonio Cristian Saraiva e COSTA, Irlena Maria Malheiros da. A vagina pós-orgânica: intervenções e saberes sobre o corpo feminino acerca do “embelezamento íntimo”. **Horizontes antropológicos**. 2017, vol.23, n.47, pp.259-281.

SMITH, Roberta. Review/Art; A Small Show Within an Enormous One. **The New York Times**. P. 13, Jun/1992. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1992/06/22/arts/review-art-a-small-show-within-an-enormous-one.html>>. Acesso em: 28 de maio de 2020.

THE ART OF HANNAH WILKE. **Hannah Wilke**. [s.d.]. Disponível em:

<<http://www.hannahwilke.com/>>. Acessado em: 29 de maio de 2020.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

---

TVARDOVSKAS, Luana Saturnino. **Dramatização dos corpos: arte contemporânea e crítica feminista no Brasil e na Argentina.** São Paulo: Intermeios, 2015.

VIEIRA-BAPTISTA, Pedro. "Cirurgia íntima" – tempo de impor limites. **Acta Obstétrica e Ginecológica Portuguesa.** 8(3):223-225. 2014.

\_\_\_\_\_, Pedro; LIMA-SILVA, Joana; BEIRES, Jorge. «Cirurgia íntima»: o que se faz e com que bases científicas? **Acta Obstétrica e Ginecológica Portuguesa.** vol.9 no.5 Coimbra dez. 2015.

WILLIAMS, Hannah. Hannah Wilke's Naked Crusade to Subvert the Patriarchy. **Artsy.** Jan, 2019. Disponível em <<https://www.artsy.net/article/artsy-editorial-hannah-wilkes-naked-crusade-subvert-patriarchy>>. Acesso em: 29 de maio de 2020.